

O nosso Projecto e a nossa Missão

A União Europeia é um processo, nós somos todas partes integrantes deste processo de melhoramento. Neste processo, as Universidades têm um papel importantíssimo.

Muito bom dia a todos. Sr^a Comissária, Sr. Dr. Durão Barroso. É um prazer enorme ouvi-los, aprender convosco e discutir estas matérias tão essenciais para o desenvolvimento da Europa, do País, podendo inspirar jovens, os protagonistas de hoje.

Também um cumprimento especial ao Sr. embaixador Nuno Brito e ao Dr. Pedro Valente da Silva, agradecendo o apoio que o gabinete dá, e tem vindo a dar sistematicamente, a esta iniciativa do IEP.

Sr. Director do Instituto de Estudos Políticos professor João Carlos Espada,

Dr^a Mónica Dias, Os meus parabéns por esta iniciativa que é um sucesso marcante no calendário das actividades do instituto.

Uma saudação muito especial aos estudantes que vão participar agora nestas assembleias e exercer a sua participação democrática num momento de discussão, de partilha de ideias. Esperemos que tenham discussões não mornas mas acesas, que vos ajudem a posicionar-se como cidadãos informados para participação nesta construção da Europa de que a Sr^a comissária e o Dr. Durão Barroso nos falaram.

Agradeço muito esta mesa redonda que acabámos de ouvir e em que acabámos de participar. Falou-se aqui de uma visão para a Europa, que é certamente determinante para que a vossa geração possa ter um futuro melhor, abraçando



POR
**Isabel
Capelo Gil**

Reitora da
Universidade
Católica Portuguesa

as grandes transformações do tempo presente, transformações tipológicas e a transformação digital. O enfoque num modelo de desenvolvimento inteligente, sustentável e inclusivo. Falou-se aqui dos problemas e das questões da coesão. É essencial garantir a coesão social da Europa. Coesão territorial mas todas estas questões estarão certamente orientadas para apoiar o desenvolvimento de novos protagonistas e garantir a justiça inter-geracional. Neste modelo de desenvolvimento da Europa, assente no primado da lei, no modelo de democracia representativa, que nunca está conseguida - o Dr. Durão Barroso falava aqui que a Democracia, a União Europeia é um processo, nós somos todas partes integrantes deste processo de melhoramento.

Neste processo, as Universidades têm um papel importantíssimo. São instituições fundamentais. Uma das mais antigas senão a mais antiga, instituição europeia em actividade permanente, com quase mil anos de história. A Universidade tem sido um grande motor de crescimento económico, de autonomia crítica, motor do desenvolvimento e da

coesão assente na formação e no cultivo da ciência, tendo como objectivo justamente contribuir para que se viva melhor, garantindo a sustentabilidade do planeta e eliminando os riscos que a natureza distribui.

O momento extraordinário (não no bom sentido mas no mau) que vivemos, fruto da pandemia do Covid-19, demonstra efectivamente como aquilo que é a sofisticação, o trabalho que as universidades e institutos de investigação científica têm vindo a desenvolver foi essencial para termos em tempo recorde uma vacina que permita proteger as populações a nível global, e garantir a qualidade de vida das instituições, das populações e dessa forma também a normalização da nossa existência.

Neste momento de verdadeira mudança de época a função da universidade só se realizará na medida em que formar de forma sólida novos protagonistas. A geração dos Millennials, a geração Z a que vós pertenceis.

E para nós, os formadores, trata-se de fomentar um protagonismo informado, que vos prepare para a adesão democrática, para a inspeção crítica, para a autonomia e para a inovação. Preparar-vos para uma participação responsável no desenvolvimento do país e da Europa - mas fomentando também a exigência na avaliação das políticas e dos seus actores. A sedimentação deste Etos democrático existe, e é preciso que as Universidades sejam capazes de formar indivíduos cidadãos profissionais competentes, capazes de compreender informação complexa, analisá-la e desenvolver depois planos de acção consistentes.

Não basta apenas dizer, é preciso agir. Mas isso exige também formar de forma rigorosa mas com flexibilidade, para que se possam adaptar às circunstâncias.

Tornou-se um lugar comum dizer que os empregos do futuro não são ainda antecipados. Vivemos um momento de tal mudança paradigmática e de tal mudança naquilo que serão as necessidades de trabalho e necessidades das sociedades, que estamos a formar hoje com instrumentos que podem ser desadequados àquilo que são as necessidades de todos.

Justamente porque a mudança se tornou a palavra de ordem do momento, é necessário que as Universidades fomentem os seus estudantes, os seus graduados, e permitam que as escolhas que fazem em termos profissionais tenham a necessária flexibilidade para se poderem adaptar ao mundo em constante mudança.

É isso que nós tentamos fazer aqui na Universidade Católica. É esse o nosso projecto e a nossa missão. Fico muito feliz de ouvir o Dr. Pedro Valente, aluno da Universidade Católica. As Universidades só existem para os estudantes, e portanto aquilo que as torna robustas é naturalmente a qualidade dos seus graduados, portanto pessoas como o Dr. Pedro Valente.

Eu quero deixar-vos por isso com uma história que inspira justamente a esta flexibilidade e actuação permanente e é uma história que eu costumo utilizar (que os colegas já conhecem) que é o exemplo de Ernest Shackleton - o explorador polar que levou 13 expedições à Antártida. É uma história representativa daquilo que deve ser a adequação às circunstâncias e a preparação para, caso as necessidades o exijam, deixar de lado aquilo que é a sua formação unidiscipli-

nar e alargar e adaptar-se para poder sobreviver.

A 3ª expedição de Shackleton foi em 1914, ainda antes do início da 1ª Guerra Mundial, e foi de facto foi mal preparada. A guarnição do navio, que tinha o nome Endurance, não sabia fazer sky, iam para a Antártida e não estavam preparados para as condições ambientes, os cães tinham sido comprados no Canadá e não estavam preparados para puxar um trenó - havia uma série de desadequações na logística daquela operação. A acrescentar a esta inadequação e má preparação, quando chegaram à Antártida o navio ficou bloqueado no gelo e tornou-se necessário ir por terra buscar ajuda. Um grupo partiu para tentar encontrar ajuda e outros ficaram ali bloqueados, naquela zona inóspita. Aquilo que se esperava que fossem semanas passaram a ser meses, e

anos. Os naufragos estiveram isolados anos, até chegar finalmente ajuda. Shackleton ficou com essa equipa. E face a essas contingências foi necessário tomar um conjunto de decisões absolutamente contrárias a tudo aquilo que ele tinha sido treinado.

Em primeiro lugar, o navio fechado no gelo começou a ceder e a quebrar-se. Foi necessário aliviar carga e colocar por (borda) fora os instrumentos científicos que eram fundamentais para aquilo que eram os objetivos da expedição. Shackleton desfez-se dos instrumentos de investigação que tinha trazido, desfez-se do ouro, o recurso financeiro para manter a equipa.

E o que é que manteve? Manteve os instrumentos musicais. Manteve o banjo. Manteve os livros. Porquê? Era necessário manter a actividade mental da equipa. Era necessário manter a vontade de viver da equipa. Isso era essencial.

Tudo o que era o objectivo primário da expedição estava comprometido, e foi necessário agir contra tudo aquilo que era o treino, o objectivo da expedição e adaptar-se às circunstâncias. Portanto, o essencial ali era sobreviver e manter a resiliência como nós vivemos hoje e manter o espírito da equipa durante dois anos, o tempo que demorou até serem resgatados. Portanto, numa situação de enorme incerteza - reparem, a ajuda podia vir uma semana que era a antecipação, um mês, acabou por durar dois anos. Shackleton o que fez justamente foi, apesar de estar treinado de uma forma muito clara para as condições inóspitas de investigação na Antártida, colocar de lado tudo aquilo que tinha aprendido, adaptar-se às circunstâncias e agir além delas.

No momento de mudança e de transformação em que nós vivemos, o desafio das universidades é justamente este: é preparar gerações futuras para serem bons profissionais mas para serem sobretudo informados para que possam fazer boas escolhas, de forma a que estejam aptos a adequarem a sua acção às circunstâncias, e sobretudo tendo em conta o tema da Cimeira em que vão participar hoje, que esta informação vos torne melhores cidadãos, aptos a fazer escolhas democráticas informadas para serem verdadeiros protagonistas da próxima geração da União Europeia.

Desejo-vos um excelente dia, e contem com a Universidade Católica como vossa parceira. ■



No momento de mudança e de transformação em que nós vivemos, o desafio das universidades é justamente este: preparar gerações futuras

